

Terça-feira, 23 de Dezembro de 2014

Ter, 23 de Dezembro de 2014.
07:46:00.

CORREIO BRAZILIENSE | DIVERSÃO & ARTE
ANCINE | AGÊNCIA NACIONAL DE CINEMA

Hollywood perde espaço em 2015

Luciana Amaral Especial para o Correio

Outra grande vitória do cinema nacional foi a articulação feita pela **Agência Nacional do Cinema (Ancine)** que assinou, semana passada, um acordo com exibidores e distribuidores para limitar o número de salas que um blockbuster, filme hollywoodiano, pode ocupar em complexos de cinema no Brasil a partir de 1º de janeiro de 2015.

A medida, válida por um ano para cinemas com três ou mais salas, visa proteger o cinema brasileiro e ampliar a diversidade de longas-metragens em cartaz ao mesmo tempo. Com a restrição, um complexo que tiver de três a seis salas poderá ocupar somente duas com o mesmo título. Os que tiverem a partir de sete salas não poderão ocupar mais de 35% delas com um só filme.

Outro compromisso firmado é o de que as distribuidoras devem disponibilizar cópias digitais dos próprios filmes para complexos que as pedirem, a fim de que os grandes lançamentos cheguem a cidades menores.

As exibidoras signatárias representam cerca de 2,1 mil salas no país, mais da metade do total existente, a grande maioria em shoppings. A dominação de filmes de grandes estúdios de Hollywood é criticada por cineastas e pessoas ligadas ao cinema brasileiro, pois alegam que os exibidores e distribuidores se concentram demais nos filmes comerciais de massa que têm mais garantia de público e retorno financeiro. Por exemplo, o blockbuster Jogos Vorazes: a esperança — parte 1, deste ano, ocupou 1.339 salas no Brasil.

Países como a Argentina e a França, que contam com uma forte indústria cinematográfica, já têm acordos parecidos para garantir uma maior diversidade nas telonas e proteger títulos nacionais. Os pequenos lançamentos no Brasil costumam ter somente 10 cópias e atingir até 5 mil espectadores enquanto em cartaz.

Primeiro passo

Mesmo assim, a iniciativa não parece ser o suficiente na opinião de cineastas de Brasília. Para o professor de cinema da Universidade de Brasília e diretor Mauro Giuntini, ela é importante e significativa, mas uma ação mais incisiva é necessária. “Tem um lado positivo, pois pode dar uma maior entrada de programação, mas eu esperava uma ação mais incisiva. Os filmes independentes têm muita dificuldade ainda. Para fazer sucesso, precisam ter muitas cópias em muitas salas num curto espaço de tempo”, afirma.

Já o cineasta Renato Barbieri acredita que o compromisso firmado é um primeiro passo, cujo principal beneficiado será o público. “Não resolve a grande distorção, mas ameniza. O público vai ser o maior beneficiado, não vai ser nem o cinema brasileiro. O público fica sem opção também. Agora vai ter mais”, comenta.

Em nota, o diretor da **Ancine, Manoel Rangel**, declarou que “compete ao Estado cumprir a função de acompanhamento do mercado audiovisual, compartilhando falhas encontradas e convocando os agentes do setor e a sociedade para construir soluções”.

O resultado só será perceptível ao final de 2015, quando os dados do cinema no Brasil forem coletados e analisados. O acordo também será revisado para 2016. A **Ancine** afirmou que deve adotar alguma salvaguarda regulatória para signatários que descumprirem o estabelecido, como cotas de tela adicional para filmes brasileiros.

2.600

Número de salas de cinema existentes no Brasil

1.339

Número de salas que foram ocupadas por Jogos Vorazes: a esperança — parte 1 no Brasil